

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: Índios / Popr., Intelectual

Data: 22/03/93

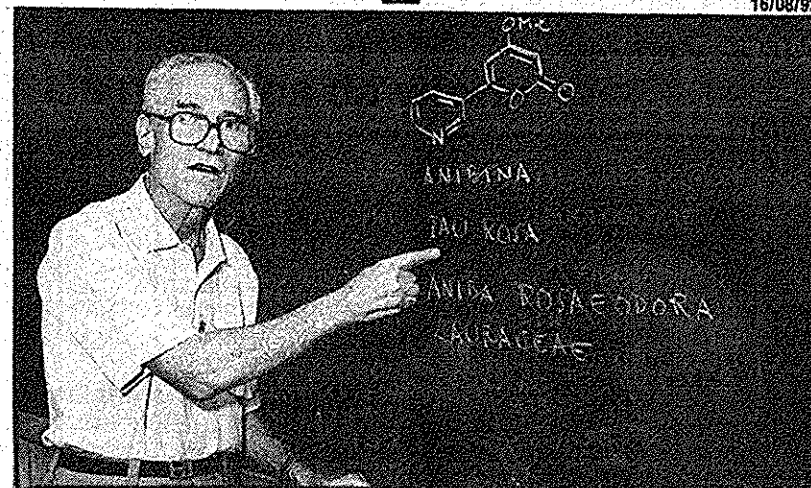
Pg.: 12
1P1R0009

Fiocruz testará plantas usadas por índios

HELIO HARA

Apesar de desconhecem completamente classificações botânicas criadas pela chamada civilização branca, grupos indígenas da Amazônia estabeleceram uma divisão entre plantas comestíveis e medicinais que poderá facilitar a busca de substâncias vegetais ativas contra doenças. Um estudo do cientista Otto Gottlieb (da Universidade de São Paulo e da Fundação Oswaldo Cruz — Fiocruz — no Rio) mostra que a classificação indígena tem inegável fundamento científico, afastando especulações que a associam à superstição e à crendice.

A classificação indígena poderia substituir a hoje custosa e demorada busca aleatória de substâncias (princípio ativo) contra doenças, restringindo-a a grupos específicos de plantas. Como o número de espécies de plantas conhecidas chega a 250 mil (das quais 55 mil no Brasil),



O cientista Otto Gottlieb estuda substâncias ativas de plantas brasileiras

é essencial estabelecer metodologias para determinar em que famílias botânicas deve-se buscar os princípios ativos. Por enquanto, trata-se de uma hipótese que será testada por um grupo chefiado por Gottlieb no Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da Fiocruz.

Gottlieb analisou dados de três

levantamentos já publicados e verificou que, apesar de os três grupos indígenas habitarem pontos distintos da Amazônia e de, possivelmente, jamais terem tido contato entre si, eles fazem escolhas semelhantes de plantas alimentares e medicinais:

— No caso de plantas comestíveis, de um total de 166 espécies,

18 eram usadas por dois grupos, mas nenhuma pelos três. As plantas consumidas não são da mesma espécie, mas todas têm maior concentração de substâncias do mesmo grupo químico — conta Gottlieb.

Índios dos grupos chacobo (que habitam o Oeste da Bolívia), caiapó (Sul do Pará) e ka'apor (Norte do Maranhão) optam sempre por plantas menos evoluídas para a alimentação. A grosso modo, elas podem ser classificadas como taníferas, isto é, ricas em tanino, substância química que protege as plantas e cujo gosto é adstringente. Entre taníferas conhecidas estão a maçã e a pera (não maduras).

Para uso medicinal, as escolhidas são sempre plantas mais evoluídas, ricas em alcalóides (em geral amargas). Como a batata e o tomate selvagens, elas são, contudo, altamente tóxicas quando ingeridas. É exatamente entre as espécies ricas em alcalóides que estão as plantas potencialmente úteis ao homem, segundo Gottlieb.

Uso de extratos não é aconselhável

Para Otto Gottlieb, o importante é isolar e sintetizar o princípio ativo de uma planta e não usar seu extrato (a mistura de tudo o que existe na planta). O motivo é simples: num sintético, não há chances de variações, enquanto o uso de um extrato é, basicamente, aleatório: em chás, por exemplo, não se sabe qual a substância ativa.

— Em um único órgão da planta, pode haver até 75 substância diferentes. E a mistura de 74 pode fazer com que a atividade de uma não se mostre. A única forma de verificar a sua atividade é isolá-la — diz Gottlieb.

Ele lembra que 40% das substâncias vegetais conhecidas são potencialmente cancerígenas. Por isso, mesmo na forma de chás, seu consumo constante deve ser evitado por gestantes ou pessoas enfraquecidas.(H.H.)